

CEU ESTRELADO: PERCURSOS DE OLGA DE SÁ¹

O objetivo deste artigo é prestar uma singela homenagem a uma das figuras literárias mais profícuas e importantes do Vale do Paraíba: a professora Olga de Sá, diretora do Instituto Santa Teresa e das Faculdades Integradas Teresa d'Ávila, em Lorena. De ampla formação, Olga de Sá é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo, educadora, psicóloga, licenciada em Filosofia, coordenadora de pesquisas e orientadora no Programa de pós-graduação da PUC-SP.

Com um currículo tão extenso, destacou-se também como estudiosa de uma das maiores escritoras brasileiras: Clarice Lispector. Quando pesquisamos sobre Clarice, não podemos deixar de citar o abrangente e profundo trabalho da professora Olga. Como estudiosa, trouxe grande contribuição ao terreno da literatura moderna e contemporânea e dos estudos literários. Quem se aventurar nos mistérios de Clarice irá, certamente, passar pelas páginas fecundas da pesquisadora paulista.

Seu primeiro livro sobre a autora de *A hora da estrela* chama-se *A escritura de Clarice Lispector*, resultado da dissertação de mestrado sob orientação de Haroldo de Campos defendida na PUC nos anos de 1970. Publicada em livro em 1979, ainda sob o impacto da morte de Clarice (1977), essa obra conquistou, em 1981, o prêmio Nacional de Brasília em Ensaio e Crítica. Alguns anos depois, em 1984, Olga de Sá defenderia, pela mesma instituição, sua tese de doutoramento, vindo a público em agosto de 1993 pela editora Annablume com o título *Clarice Lispector: a travessia do oposto*.

Muitos anos após a publicação, esses livros permanecem excelentes fontes de pesquisa a respeito da obra de Clarice, em particular; e constituem, num contexto mais global, terreno fértil para os estudiosos de teoria e crítica literária e da literatura do século XX.

Além de ilustre pesquisadora e professora – o que por si só é motivo de orgulho –, Olga de Sá empenha-se no resgate e na divulgação da cultura valeparaibana.

Tentaremos, no espaço de que dispomos, refazer alguns passos do percurso por ela traçado. Para começar, iremos tecer alguns comentários sobre *A escritura de Clarice Lispector*. Olga de Sá foi, de acordo com Gilberto Figueiredo Martins, a primeira a fazer um “levantamento sistemático e cronológico da fortuna crítica sobre a obra da ficcionista produzida nas décadas de 40 a 60” (Martins, 1997, p. 59). Podemos fazer até um reparo a essa afirmação apontando que, de fato, a reconstituição dessa fortuna crítica se estende até os anos 70, como consta do próprio livro, no capítulo intitulado “Nas décadas de 60 a 70”. O mestrado de Olga foi um dos primeiros trabalhos acadêmicos a abordar com profundidade a obra clariceana que vinha, desde seu aparecimento no decênio de 1940, chamando a atenção dos críticos. A importância do estudo levado a cabo pela professora paulista repousa em vários aspectos.

A escritura de Clarice Lispector, pelo próprio título, parece interessar sobretudo aos apreciadores da ficcionista. No entanto, mesmo aquele que porventura não se identificar com ela mas que seja um leitor interessado, arguto e curioso poderá ter diversas e boas surpresas. Apesar de o campo de ação se restringir à autora de *A paixão segundo G.H.*, a pesquisa de Olga de Sá espraia-se em muitas direções e, por isso mesmo, é fonte de instigantes sugestões. Já no primeiro capítulo, ao reunir e reavaliar a fortuna crítica da escritora, Olga retrança alguns aspectos da própria crítica literária brasileira do século XX. O panorama por ela apresentado percorre no mínimo trinta anos de história da crítica no país. Nesse capítulo podemos ter acesso, por exemplo, ao pensamento de críticos cujo legado continua sendo esmiuçado até os dias de hoje. Partindo do impressionismo de Álvaro Lins, passando pelos diários de Sérgio Milliet, enveredando pela crítica universitária de Antonio Candido e chegando aos nomes de Benedito Nunes, Wilson Martins, Luiz Costa Lima, Massaud Moisés, Eduardo Portella, Gilda de Mello e Souza, Alceu Amoroso Lima, entre outros, o caminho percorrido por Olga de Sá perpassa e relembra momentos cruciais na configuração do roteiro crítico brasileiro. Ao lançar mão das observações e pontos de vista empregados especialmente no destriçamento da obra clariceana, Olga permite ao leitor entrar em contato com experiências que ampliam uma certa visão do mundo literário. Os comentários de cada crítico que tratou de Clarice – citado por Olga – permitem ter uma noção geral do papel de cada um e de seu perfil. Assim, ficamos sabendo que Álvaro Lins foi o principal responsável pela classificação reducionista da obra de Clarice a um estilo de literatura feminina, visão que ainda perdura em alguns setores. Descobrimos também que o primeiro documento importante para avaliar a recepção aos primeiros passos da carreira da romancista apareceu em janeiro de 1944: o *Diário Crítico* de Sérgio Milliet, que começou a leitura de *Perto do Coração Selvagem* ao acaso, pela página 160, e não conseguiu mais parar.

¹ Por motivos técnicos, foram suprimidos os acentos do título do texto. O título corretamente acentuado é “Céu Estrelado: Percursos de Olga de Sá”.

A EPIFANIA EM CLARICE

Se, atualmente, quando se fala em Clarice Lispector, encara-se como algo corriqueiro citar o caráter epifânico de sua obra, é preciso fazer justiça ao estudo de Olga de Sá, pioneiro na abordagem do conceito de *epifania* aplicado especificamente aos livros de Clarice.

A pesquisadora Juliana Gervason Defilippo afirma, em sua dissertação de mestrado, que “em 1973, Benedito Nunes emprega o termo ‘descortino religioso’ que, para Olga de Sá, é uma equivalência à epifania” (2006, p. 36). Mas devemos lembrar que Olga já havia percebido em outros críticos, desde o início da carreira de Clarice, referências e pistas conduzindo a esse conceito, ainda que os próprios autores (e talvez mesmo Clarice) não tivessem a consciência exata do que estava em jogo. Note-se o que Olga diz sobre Álvaro Lins:

“Ao definir o que chama de romance *lírico* ou romance do realismo mágico, Álvaro Lins, embora jamais use o termo *epifania*, descreve processos que, genericamente, a ela se podem reduzir. Um dos aspectos por ele abordado é a apresentação da realidade com um caráter de sonho” (Sá, 1979, p. 129).

De acordo com Olga, uma passagem *epifânica* muito significava do romance é o capítulo “O banho”, momento no qual Joana “descobre, deslumbrada, o despertar de sua puberdade” (Sá, 1979, p. 130). Apesar de encarar esse trecho como culminante, Álvaro Lins afirma ser este “um ponto de desgaste do espírito do romance” (idem). A leitura de Olga de Sá traz um dado bastante interessante a respeito do posicionamento de Álvaro Lins, ou seja, mesmo com toda sua argúcia e experiência, é curioso o fato de o crítico não ter recebido de forma positiva justamente as características que tornam *Perto do coração selvagem* uma obra de exceção, de rompimento com o *establishment*. O crítico percebe o ineditismo do texto, demonstra sensibilidade para descobrir traços particulares da romancista e mesmo assim não consegue apreender e assimilar seu sentido e seu valor.

Depois de passar por Álvaro Lins, Olga envereda por vários textos e detecta novos indícios sobre a existência de críticos que já haviam notado algo de especial na obra de Clarice, embora não encontrassem o termo justo para defini-lo. Desse modo, Olga identifica e reúne múltiplas expressões empregadas pela crítica com o fim de tentar encontrar uma designação capaz de condensar o processo: “iluminação instantânea”, momento de “êxtase”, “revelação interior”, “descortino silencioso”, “instante existencial”, livro “estrelado”. Finalmente, no final dos anos 70, temos a fixação de todos esses instantes num único termo – *epifania*:

“Somente Olga de Sá esclarece a relação propondo um estudo mais detalhado e elucidativo a respeito de seu conceito dentro de um texto literário, especificamente o texto de Clarice.” (Defilippo, 2006, p. 36).

EPIFANIAS TEÓRICAS

Com base nas considerações feitas até aqui pudemos ver o quanto o livro *A escritura de Clarice Lispector* contribuiu, com suas novas leituras e interpretações, para iluminar e valorizar a produção da ficcionista. Já havíamos notado, além disso, a amplitude dessa obra ao resgatar, por meio do que se falou sobre Clarice, as próprias abordagens específicas de cada crítico mencionado, traçando um painel sincrônico e diacrônico da nossa produção crítica.

A isso tudo, deve-se acrescentar ainda que Olga de Sá foi uma das primeiras pesquisadoras a desbravar uma novidade teórica no campo dos estudos literários. Trata-se da “estética da recepção”, teoria desenvolvida pelo alemão Hans Robert Jauss e ainda muito recente naquele Brasil da década de 1970. A própria Olga, em seu trabalho, afirma:

“Os termos ‘recepção’, ‘sucesso’ e ‘influência’ podem adquirir grande importância nas pesquisas de Literatura Comparada. O termo [recepção] não tem ainda divulgação no Brasil. Sem maiores pesquisas, observa-se que ele não consta no *Dicionário das Ciências da Linguagem* de Ducrot e Todorov, nas teorias literárias de Wellek e Aguiar e Silva, no *Dicionário de Termos Literários* de Massaud Moisés ou em *A Criação Literária*.” (Sá, 1979, p. 221).

Essa passagem demonstra com exatidão o desconhecimento da teoria de Jauss. A estética da recepção, de acordo com Sandra Margarida Nitri:

“surgiu nos anos 60, num contexto marcado pelo questionamento do paradigma dominante do estruturalismo, de tendência aistórica, e acabou se transformando numa teoria da comunicação literária.” (Nitri, 1997, p. 170)

A nova teoria atua, em linhas bem gerais, numa relação dialética que considera três pólos essenciais: o autor, a obra e o público-leitor. Para entender a reação de um determinado público a uma obra, a estética da recepção apoia-se no conceito de “horizonte de expectativas”. Vejamos a explicação de Anne Maurel:

“Se ela reproduz as características de uma produção anterior, a obra conhece um sucesso imediato porque provoca em seus leitores um prazer de reconhecimento. Se, ao contrário, ela transgredir os cânones do gênero e, assim, modifica uma norma estética, a obra nova fracassa, ou não é imediatamente

compreendida por não responder às expectativas de seu primeiro público. Mas ela se torna, mais tarde, uma obra modelo.” (Maurel, 1994, p. 111, tradução nossa)².

O trabalho de Olga sobre Clarice é, sem dúvida, um dos primeiros a aplicar essa abordagem à obra literária. O livro que inaugura a carreira de Clarice – *Perto do coração selvagem* – apareceu em 1944, causando uma “desestabilização” (falta de melhor termo) nos meios literários da época. Até aquele momento predominavam, no Brasil, histórias nos moldes tradicionais, nas quais eram narradas as trajetórias de uma ou mais personagens, emulando a vida real, num encadeamento mais ou menos linear dos fatos, com início, meio e fim. Acrescenta-se a isso a força do romance regionalista no período 1930-1940. Repentinamente, em meio aos engenhos e plantações de cacau e cana-de-açúcar, surge um ciclone na figura de uma jovem de pouco mais de vinte anos, dona de uma linguagem insólita que foge totalmente aos padrões anteriores, desorientando críticos ávidos por classificações.

Enquanto alguns, a exemplo do célebre Álvaro Lins, ocupavam-se sobremaneira em identificar na obra de Clarice pontos de contato com a literatura estrangeira de James Joyce, Virginia Woolf, Faulkner, naquilo que se convencionou chamar de “crítica de influências”, outros – como Antonio Candido – evitam esse caminho, optando por ressaltar a revolução da linguagem. Olga de Sá recolhe todos os juízos críticos precedentes e vai além, conferindo-lhes um novo estatuto e, principalmente, dando à nossa escritora um tratamento à altura de seu talento e originalidade que lhe eram próprios e inerentes. Juliana Gervason Defilippo, na dissertação de mestrado *No templo da linguagem: A experiência de Deus no discurso ficcional de Clarice Lispector* (2006), reconhece, com justiça:

“A *escritura de Clarice Lispector* inaugura um novo olhar a respeito da autora, impondo-se como uma obra de referência e derrubando os argumentos dos primeiros críticos que ficaram preocupados em apontar em sua obra mais semelhanças com outros escritores do que as particularidades, já hoje, muito bem conhecidas de sua literatura.” (Defilippo, 2006, p. 37).

Tendo sido publicado pela Editora Vozes em 1979, o livro *A escritura de Clarice Lispector* resultou do mestrado defendido em 1978 mas arquitetado desde a primeira metade dos anos 70. Observe-se o destemor da pesquisadora ao confrontar a obra artística de uma autora inovadora e até hoje por muitos considerada hermética a uma vertente teórica em formação e sem divulgação nem tradução no Brasil.

Não queremos, com isso, dizer que inexistiam trabalhos de recepção antes dos anos 70. Outros críticos (como o próprio Brito Broca) já tinham escrito textos e artigos nos quais pode-se verificar um pendor à recepção. A diferença encontra-se na aplicação de uma teoria especificamente desenvolvida com esse intuito, qual seja, o estudo da recepção de uma obra literária, até porque a estética da recepção como instrumental teórico era muito recente. Pois é justamente nesse nicho que encaixamos a pesquisa de Olga de Sá. Além de fornecer pontos de vista renovados sobre a ficção clariceana, Olga traz também uma lufada de ar fresco no campo da Teoria Literária.

Um outro pioneiro na divulgação da teoria da recepção no Brasil, por exemplo, foi Luiz Costa Lima. Em *A literatura e o leitor*, Lima possibilita ao público brasileiro conhecer o pensamento de Jauss, Wolfgang Iser, Karlheinz Stierle, Hans Ulrich Gumbrecht e Harald Wienrich. Cabe ressaltar, porém, que mesmo seu livro com traduções de textos dos diversos teóricos ligados a essa temática só apareceu em 1979, ou seja, o ano de publicação da pesquisa de Olga de Sá em livro. Tanto que à época, dada a falta de divulgação da teoria aqui, a pesquisadora precisou utilizar a tradução em italiano dos textos de Jauss para desenvolver seus estudos sobre Clarice.

A intuição de Olga não se enganou ao sugerir que o termo “recepção” poderia adquirir grande importância nos estudos de Literatura Comparada. Desde então, multiplicaram-se as pesquisas sobre recepção no Brasil e no exterior. Temos muitos trabalhos de mestrado e doutorado privilegiando essa abordagem: seja a recepção de autores brasileiros dentro do próprio país, a recepção de escritores estrangeiros aqui ou mesmo a recepção dos artistas nacionais pelo público estrangeiro. Nessa última linha devemos mencionar um trabalho intitulado, significativamente, *Um olhar estrangeiro sobre a obra de Clarice Lispector: leitura e recepção da autora na França e no Canadá (Québec)*. Trata-se de tese defendida por Lúcia Peixoto Cherem em 2003 pela Universidade de São Paulo. Acaso não estaria aí germinada a semente plantada por Olga de Sá nos anos 70?

² No original : « Si elle reproduit les caractéristiques d’une production antérieure, l’œuvre connaît un succès immédiat parce qu’elle provoque chez ses lecteurs un plaisir de reconnaissance. Si, en revanche, elle transgresse les canons du genre et qu’elle modifie ainsi une norme esthétique, l’œuvre nouvelle échoue, ou n’est pas immédiatement comprise parce qu’elle ne répond pas aux attentes de son premier public ».

O VALE ENCANTADO

Até o presente momento discutimos a importância de Olga de Sá como estudiosa de Clarice Lispector e ilustre representante do nosso Vale do Paraíba, o que não é pouco. Devemos, contudo, salientar o papel preponderante desempenhado por ela igualmente como divulgadora da cultura valeparaibana. Publicou, em 1998, o livro *Arte e cultura no Vale do Paraíba*, com introdução do eminente historiador e professor nascido em Aparecida, José Luiz Pasin, morto em 2008.

No artigo “Vale do Paraíba: cultura e arte”, publicado em 2010 na revista *Brazilian Cultural Studies*, temos acesso à reconstituição de um extenso quadro da cultura valeparaibana empreendida por Olga de Sá. Ao evocar nomes como Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Eugênia Sereno, Waldomiro Silveira, Mazzaropi, Plínio Salgado e diversos outros artistas da região, Olga busca não somente preservar e manter uma cultura rica e variada, mas procura reconhecer o valor de pessoas que, através de sua arte, ajudaram a dar uma feição e a construir facetas várias da personalidade valeparaibana. Vide, como exemplo, o trabalho de preservação e resgate da obra de uma grande escritora do Vale do Paraíba, a senhora Ruth Guimarães, chamada por Olga, carinhosamente, de a “bruxa” de Cachoeira Paulista e conterrânea da autora deste artigo. A recuperação da obra de Ruth iniciada pelo historiador Pasin felizmente encontrou prosseguimento na disposição de Olga de Sá e do Instituto Santa Teresa. Segundo Olga:

“[os] livros inéditos [de Ruth Guimarães] também estão encontrando, na Gráfica Santa Teresa, um caminho para fugirem às gavetas do sítio de Cachoeira Paulista. É mesmo ‘correr atrás’, depressa, porque senão essas preciosidades podem até desaparecer, como as outras já editadas.”³

Mais uma importante contribuição para o desenvolvimento cultural do Vale do Paraíba e da qual Olga de Sá é membro atuante é a Revista *Ângulo*, publicada em Lorena pela FATEA. Nascida em 1978, essa publicação “balzaquiana” da qual a professora Olga é editora e colaboradora, privilegia a divulgação de artigos do mais alto nível, versando sobre literatura, fotografia, filosofia, história da arte, pintura e tudo o mais que possa concorrer para nosso desenvolvimento intelectual. No editorial de comemoração dos trinta anos da revista, em 2008, ela afirma:

“...trinta anos não são trinta dias. Sobreviver, culturalmente, no Vale do Paraíba, atravessar fronteiras, conquistar colaboradores, parece conto de fadas” (Sá, 2008, p. 5).

Conto de fadas que se torna uma realidade cada vez mais concreta graças justamente ao empenho da professora de Lorena e que atualmente vem sendo compartilhado com um público cada vez mais amplo por meio de sua publicação eletrônica. É possível acessar alguns números de *Ângulo* diretamente na internet, mais precisamente o período compreendido entre os anos de 2007 a 2010⁴. Isso representa uma ínfima parcela diante dos vinte e oito anos anteriores de existência do periódico. Provavelmente esse grande acervo mantido pela instituição representada na figura da professora Olga deve estar bem resguardado e à espera de visitantes e pesquisadores interessados em conhecer e estudar a cultura valeparaibana. Para aqueles que, como nós, apreciam a pesquisa em bibliotecas, o manuseio de jornais e revistas antigos (mas não tão antigos no caso da revista *Ângulo*), deve haver uma rica mina de ouro querendo ser explorada. E, nesse caso, ao contrário de outras, a exploração serviria apenas para multiplicar o ouro acumulado.

Além de *Ângulo*, um veículo de divulgação relativamente recente começou a circular em 2004, vindo agitar e enriquecer a produção técnico-científica da nossa região: a revista *Janus*, também editada pela FATEA e dirigida por Olga de Sá. O caráter desse periódico, de acordo o próprio editorial do número 1, que apareceu no segundo semestre de 2004, é multidisciplinar. Nas palavras da editora, a nova revista:

“visa a promover, incentivar e realizar trabalhos de investigação, que interessem ao desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e pedagógico nos diversos campos e áreas do saber.” (Sá, 2004, p. 15).

De fato, ao fazermos um sobrevoo panorâmico pelo sumário dos números da revista disponíveis na internet⁵, iremos rapidamente perceber a variedade de propostas e direções oferecidas aos leitores. Encontramos artigos das áreas de publicidade, jornalismo, medicina, pedagogia, economia, administração, ciências sociais, biotecnologia, novas tecnologias, literatura e enfermagem. Apesar de não se limitar ao espaço circunscrito à nossa região, *Janus* reúne inúmeros artigos que resultaram de estudos empreendidos nas cidades do Vale. Desse modo, ela desempenha papel preponderante como intermediador cultural e palco onde atuam os atores-autores responsáveis, com suas pesquisas, pelo progresso do pensamento científico e pela valorização do Vale do Paraíba.

³ Citação retirada do link <http://www.opontonaweb.com/CANTINHO%20DA%20DONA%20RUTH.html>.

⁴ <http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/issue/archive>

⁵ <http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/issue/archive>.

Apesar de sua incompletude e lacunas, acreditamos, com este artigo, ter conseguido atingir nosso objetivo inicial: prestar uma singela homenagem à multifacetada professora Olga de Sá, responsável por deixar nosso céu do interior cada mais estrelado.

BIBLIOGRAFIA

DEFILIPPO, Juliana Gervason. **A experiência de Deus no discurso ficcional de Clarice Lispector**. Dissertação de mestrado. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, primeiro semestre de 2006.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. "Clarice e a crítica". In: **Revista CULT**. Dez. de 1997, p. 57-60.

MAUREL, Anne. **La critique**. Paris, Hachette, 1994.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo, EDUSP, 1997.

SÁ, Olga de. "Vale do Paraíba: cultura e arte". In: **Brazilian Cultural Studies**, Vol. 1 (1), p. 61-69, 2010. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/bcs/index.php/bcs/article/viewFile/5/8>. Acessado em 24 de julho de 2010.

_____. "A 'bruxa' de Cachoeira Paulista". Disponível em: <http://www.opontonaweb.com/CANTINHO%20DA%20DONA%20RUTH.html>. Acessado em 24 de julho de 2010.

_____. "Editorial". In: **Janus**. Lorena, ano 1, n. 1, segundo semestre de 2004, p. 15-17. Disponível em <http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/view/24/35>. Acessado em 24 de julho de 2010.

_____. "Revista *Ângulo* - 30 anos". In: **Ângulo** (114), jul-set. 2008, p. 5.

Disponível em: <http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/view/71/65>. Acessado em 24 de julho de 2010.

_____. "Existe uma lógica na exclusão social e na comunicação?".

Disponível em: http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/A_Solidariedade_Exclusao.htm. Acessado em 24 de julho de 2010.